



# CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim- Volume 7, Número 10, Dezembro/2022

## A Grande Divisão: Uma grave cisão entre os EUA e a China

**Robert Rogowsky**

O mundo está novamente em cisão. Pangea, o único grande continente do planeta, foi separado há 200 milhões de anos por poderosas pressões tectônicas nas profundezas da superfície. O resultado foi continentes separados e distintos. O mundo enfrenta pressões tectônicas semelhantes, mas muito mais superficiais. A desagregação é multifacetada. É mais distinta entre Leste-Oeste. E, tem correspondente entre Norte-Sul. Mas é também, e mais complexa, uma ruptura entre o Sudeste e o Sudoeste. E esta última mudança tectônica será importante para todos os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil. Segue a explicação.

A divisão Leste-Oeste, também conhecida como Oriente-Occidente, é clara para todos. De um lado, estão as democracias ocidentais - principalmente os Estados Unidos e os seus aliados mais próximos - que enfrentam um grupo de nações sem definição clara, sem lealdade à democracia liberal, ao Estado de direito, e ao capitalismo de mercado livre, baseado em regras. O Ocidente é mais claramente definido pelo G-7 e pela OCDE. Estas ricas democracias liberais têm estruturas legais sofisticadas que apoiam os capitalisms bem desenvolvidos, alimentando, apoiando e avançando rapidamente com economias de tecnologia avançada. Trata-se de 20% das nações do mundo, com 18% da população do planeta gerando 50% do PIB global. É este conjunto de nações que se uniram nos últimos 75 anos para formar e apoiar o Sistema de Bretton Woods (Banco Mundial, FMI e OMC). Apoiar o Tribunal Internacional de Justiça, o Conselho de Estabilidade Financeira e as numerosas outras instituições de infraestruturas criadas para permitir a prosperidade de uma economia internacional integrada e vibrante. O sistema internacional baseado em regras fomentado sob Bretton Woods é profundamente complexo, adaptável, inovador, e voltado para o lucro.

Do outro lado está o Oriente. É muito útil reconhecer o Oriente como a China e seus aliados. Os aliados da China são vagamente definidos como seus aliados de segurança (Coreia do Norte e possivelmente Laos) e, mais importante, os países que se tornaram economicamente dependentes do comércio com a China e, portanto, estão sob sua influência. Este grupo é muito maior e mais amorfo. Tende a ser democracias iliberais e estados autoritários diretos com bens

primários menos avançados e menos sofisticados e economias baseadas na manufatura. Muitos, como a própria China, estão presos a economias de renda média, visto que não possuem as estruturas políticas e legais que permitem que o capitalismo avançado, baseado em regras e livre mercado, floresça. Eles são capitalisms de Estado administrados de forma centralizada, que não podem evitar por muito tempo os problemas do capitalismo de compadrio. Milo Brankovic chama isso de "capitalisms políticos", nos quais a corrupção e a ineficiência, ele argumenta, são endêmicas.

A divisão cresce rapidamente. A Rússia deslocou-se, por necessidade, para a esfera chinesa. Em parte, devido à invasão da Ucrânia e em parte pela visita de Nancy Pelosi a Taiwan, a separação é cada vez mais profunda e abrangente. A United States Trade Representative (USTR, sigla em inglês) anunciou em agosto deste ano, sob os auspícios do Instituto Americano em Taiwan (AIT, sigla em inglês) e do Gabinete de Representação Econômica e Cultural de Taipei nos Estados Unidos (TECRO, sigla em inglês), que se chegou a um consenso sobre o mandato de negociação para

a Iniciativa EUA-Taiwan sobre o Comércio do Século XXI. O mandato de negociação estabelece os objetivos gerais partilhados pelas duas partes para as próximas negociações comerciais. A primeira rodada de negociações está prevista

para o início do outono. Tanto Pequim quanto Washington - as capitais do Leste e do Oeste - estão prestes a entrar em guerra.

A divisão Norte-Sul é menos provável. O Brasil e a Índia, as duas nações em desenvolvimento suficientemente grandes para mudar o equilíbrio, balançam entre os dois lados, Oriente e o Ocidente. O resto do "Sul" precisa lidar com as mudanças tectônicas. Os países em desenvolvimento querem, acima de tudo, o crescimento econômico. O crescimento vem da integração profunda na economia global, trabalhando com o maior número possível de parceiros-fornecedores e clientes. Alimentar este sistema tem sido o objetivo e o resultado do sistema de Bretton Woods. Entretanto, os países em desenvolvimento devem escolher cada vez mais um lado: Sudeste ou Sudoeste, Estados Unidos e amigos, ou China.

A primeira pressão enfrentada pelos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil e a Índia, é o comércio. Durante 75 anos sob Bretton Woods, os países em desenvolvimento desfrutaram do jogo da soma positiva de unir longas cadeias de abastecimento que atravessam o

***A desagregação é multifacetada. É mais distinta entre Leste-Oeste. E, tem corresponde entre Norte-Sul.***



globo, relativamente sem serem prejudicados pelas divisões políticas. Essas cadeias de abastecimento estão agora ameaçadas.

*Made in China 2025*, é uma estratégia industrial arrojada para desenvolver as competências tecnológicas de ponta na China que assumem diretamente a vantagem comparativa do G-7. Ela transforma a guerra comercial numa guerra híbrida de comércio e tecnologia. A resposta política dos EUA estimula a produção doméstica de alta tecnologia, incluindo o projeto de lei aprovado recentemente pelo Congresso, que concede 52 bilhões de dólares em fundos para a produção de semicondutores e similares. O objetivo é aumentar a segurança econômica dos EUA em relação à China. Este inclui medidas para trazer as cadeias de abastecimento para casa, ou pelo menos para "partilha entre amigos". É claro que muito se perde, uma vez que a partilha entre amigos elimina os ganhos de eficiência resultantes do aproveitamento total da divisão do trabalho e da vantagem comparativa, aumentando assim os custos de produção e os preços ao consumidor. Enquanto alguns se saúdam a redução da concorrência, a maioria reconhece o custo a longo prazo. Mas, a segurança nacional e econômica tem um custo para todos.

Os principais fornecedores como a Taiwan Semiconductor Manufacturing Corporation (sigla em inglês TSMC) e os fabricantes de *chips* norte-americanos Intel e Micron estão sob pressão para aumentar a produção interna dos EUA, reduzir as marcas na China e tornar mais difícil para Pequim a obtenção de tecnologia avançada. A pressão cresce à medida que Washington mobiliza a Coreia, Taiwan e Japão numa "Fab 4 chip alliance" projetada para coordenar a política de pesquisa e desenvolvimento, subsídios e cadeias de fornecimento. A Samsung e a SK Hynix, fortemente ligadas à China - com vendas superiores a 26% em 2021 - impulsionaram os investimentos nas instalações de produção dos EUA, mesmo quando estas continuam fortemente expostas ao mercado chinês.

Os países ocidentais aumentaram consideravelmente o controle dos investimentos que entram nos seus países. Os Estados Unidos, por exemplo, expandiram bastante as obrigações do Comitê de Investimento Estrangeiro nos Estados Unidos (CFIUS, sigla em inglês) através da Lei de Regulamentação do Risco de Investimento Estrangeiro (FIRRMA, sigla em inglês).

Da mesma forma, os controles estratégicos das exportações se intensificaram em todas as nações Ocidentais. Além disso, a invasão russa da Ucrânia levou os países ocidentais a fazê-lo. Os Estados Unidos e 37 outros países colaboraram intensamente para impor sanções sem precedentes ao Kremlin, destacando tecnologias estratégicas como semicondutores, microeletrônica, equipamento de navegação, e componentes de aeronaves. Além disso, os Estados Unidos e outros, pressionam para que sejam instaurados controles sem precedentes ao investimento no

estrangeiro, a fim de assegurar que as tecnologias críticas (cada vez mais definidas em termos gerais) não sejam expostas a rivais econômicos, leia-se a China.

A segunda pressão é menos explícita e mais profunda. O Ocidente declarou que os sistemas de telecomunicações - infraestruturas fundamentais para qualquer economia em desenvolvimento - devem ser ou Ocidentais ou Orientais.

Em especial, as nações Ocidentais determinaram que a Huawei e a ZTE, os principais fornecedores de telecomunicações da China, estão vinculados ao Estado e, conseqüentemente, representam um sério risco de segurança. Os sistemas Huawei e ZTE foram impedidos de operar na maioria dos sistemas de telecomunicações Ocidentais. As empresas americanas foram impedidas de fornecer componentes tecnológicos críticos à Huawei e à ZTE. A divisão Leste-Oeste das telecomunicações está praticamente completa. A divisão Norte-Sul é mais complicada porque muitos países têm confiado elementos significativos dos seus sistemas de telecomunicações tanto para empresas ocidentais como chinesas. Porque os países Ocidentais decidiram que a segurança nacional não pode ser assegurada se os seus sistemas possuírem equipamento chinês, os fornecedores chineses foram excluídos. A divisão Sudeste-Sudoeste está apenas no começo, mas tem potencial para ser profundamente problemática para as economias emergentes porque os países Ocidentais exigem que os países escolham um sistema ou o outro. Se o "outro" for escolhido, então serão bloqueados componentes significativos de segurança e de ligação econômica. Os países serão cada vez mais encurralados para o Ocidente ou empurrados para o Oriente. Os custos econômicos serão elevados.

**A segurança nacional e econômica tem um custo para todo.**



**Robert A. Rogowsky** é professor adjunto de Comércio e Diplomacia, Middlebury Institute of International Studies .

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise das autoras, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.